

Campus Repórter

22

2019 · Ano 13 · Edição 22
Faculdade de Comunicação
Universidade de Brasília

Compra consciente

Brechós movimentam comércio
de produtos usados no DF

Cidade aberta

A liberdade e diversidade do Minhocão,
no Campus Darcy Ribeiro da UnB,
em um ensaio fotográfico



COM A DIMINUIÇÃO DO INVESTIMENTO
EM EDUCAÇÃO, SE FORMAR

SERÁ TÃO DIFÍCIL QUANTO
LER ESSE POST

ATÉ O

FIM.

#LutarVerboDeAção



Lutar não é verbo de estado, é verbo de ação

Anúncio produzido pelos alunos Danilo Alcantara Santos, Bruna Montes Neves e Helena Cristina Ribeiro Silva, do curso de Publicidade e Propaganda FAC/UnB, orientado pela profª Suelen Brandes Marques Valente. Recebeu o prêmio de Pesquisa Experimental em Comunicação, categoria Estratégia Publicitária para Mídia Digital, na EXPOCOM Centro Oeste, Goiânia (GO), em maio de 2019.

Carta do Editor

A 22ª edição da Campus Repórter traz um ensaio fotográfico com sombras e luzes do Minhocão, com seus jardins, paredes, portas, letreiros, cadeiras e bancos. O campus Darcy Ribeiro, da UnB, é um símbolo desta Universidade-Cidade “aberta, sem muros, com espaços livres e amplos”, como diz o professor Marcelo Feijó na apresentação do ensaio. Por que não engrena? É o que querem saber os amantes do futebol na Capital do País, que, ainda hoje, 59 anos depois de sua fundação, não tem um clube de destaque no campeonato nacional, fato raro no mundo futebolístico ocidental. Atrás de uma resposta, a reportagem falou com jornalistas esportivos e dirigentes de clubes, que relembram os primórdios do futebol candango e as tentativas que quase deram certo para engrenar.

Os brechós ganharam espaços quando as pessoas descobriram que roupas e acessórios usados podiam ser doados, mas também vendidos. A rejeição e o preconceito contra os usados não acabaram, mas diminuíram bastante com o advento em massa da internet. A reportagem Usados e conectados mostra como os brechós saíram dos quintais, das garagens, dos salões de igrejas e das pequenas lojas para redes com milhares de seguidores que compram de lugares distintos.

Bastante criticadas quando surgiram no Brasil, nos anos finais do século XX, as cotas para ingresso no ensino superior tornaram-se irreversíveis, pelo menos pelos próximos anos. Campus Repórter acompanhou a rotina e experiência de quatro alunos que ingressam na UnB pelo sistema de cotas, que facilitou o acesso à universidade para camadas da população que só frequentaram antes escolas públicas, normalmente com grande desvantagem para concorrer nos vestibulares com estudantes de escolas particulares.

No Sol Nascente, em Ceilândia, uma das áreas mais carentes do Distrito Federal, um projeto social garante moradia para pessoas que viviam em “situação de rua”, muitos depois de se envolverem com drogas e álcool. Por enquanto, são apenas 12 quitinetes em um prédio de três andares, mas a ideia é ampliar o projeto. A história de bebês prematuros e suas “mães prematuras”, que não estavam preparadas e precisam acompanhar seus filhos em unidades de terapia intensiva, é outro tema desta edição, que tem ainda poemas de estudantes da Faculdade de Comunicação.

Boa leitura.

David Renault – Coordenador da Edição Executiva

04

*Moradia além do abrigo físico:
o conforto psicológico*



14

Usados e conectados



20

Cotas em ascensão



28

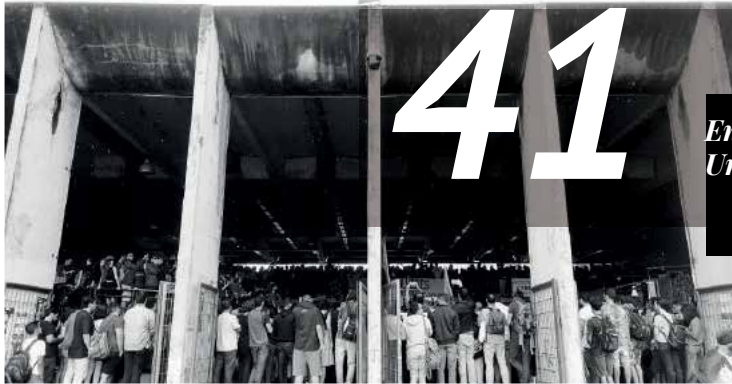
Mães prematuras



32



Por que o futebol brasileiro não engrena?



41

*Ensaio fotográfico:
Universidade-Cidade*

49

Poesias

Expediente |

Edição executiva

David Renault (Coordenador)

Editores orientadores

Ana Carolina Kalume, Sérgio de Sá, David Renault (Apuração e texto) e Marcelo Feijó (Fotografia)

Monitoria

Murilo Fagundes

Repórteres

Ana Luísa Araujo, Felipe Moura, Ludmilla Dias, Marcos Amorozo e Melissa Duarte

Fotógrafos

Carlos Augusto Xavier, Theo Lima e Israel Sousa

Diagramação

Laís Pinheiro (Coordenadora) e Giulia Vênus

Ilustração

Laís Pinheiro

Revisão de arte

Vicente Gomes

Capa

Laís Pinheiro e Theo Lima



Moradia além do abrigo físico: o conforto psicológico

*O impacto de um prédio residencial no Sol Nascente na
vida de pessoas que estiveram em situação de rua*

Texto Ana Luísa Araujo

Diagramação Laís Pinheiro

Fotografia Israel Sousa e Ana Luísa Araujo

Foto: Israel Sousa





A vida de Raimundo foi tema de reportagem na revista Traços. Foto: Israel Sousa

“Tudo que pedimos a Deus ele consente, olha eu morando no Sol Nascente, esperando o pôr do sol chegar para descansar”, cantarola em ritmo de samba Raimundo dos Santos, ex-morador em situação de rua, que completa: “Graças a deus né? Porque eu não descansava na rua”.

Raimundo dos Santos, 54 anos, é um dos moradores do Residencial Alexandre Rangel. O prédio de três andares é azul e branco, sem elevador, com uma escada do lado de fora que dá acesso aos apartamentos, dois por andar, todos com varanda e uma vista espetacular, transformados em 12 quitinetes. Afastado do centro de Brasília, cerca de 35 quilômetros da Esplanada dos Ministérios, o que mais tem ao redor do prédio é a vegetação típica do cerrado e se andar mais uns oito quilômetros encontra-se até mesmo criação de gado e cachoeiras. Em dias claros o destaque é o céu azul que cobre a visão do local, que lembra o interior com algumas características de cidade pequena. Próximo ao prédio existem algumas casas que também são programas de moradia no Sol Nascente, uma área residencial que surgiu há quase 20 anos, no começo dos anos 2000, já conta com quase 57.000 habitantes e faz parte da região administrativa Ceilândia, uma das principais cidades satélites do Distrito Federal.

A princípio, o projeto era construir um prédio com apenas seis moradias, que acabaram se transformando em 12 quitinetes de 20 metros quadrados cada — com cozinha, banheiro e sala — para receber ex-moradores em situação de rua, solteiros ou com família. O projeto, que recebeu os primeiros moradores em 2018,

é da Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (CODHAB), vinculada ao Governo do DF, em parceria com o Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP) e teve o propósito de atender a pessoas solteiras ou famílias, levando em consideração o espaço que é pequeno. O Centro POP é um braço da Secretaria de Desenvolvimento Social do DF e oferece a moradores em situação de rua a provisão de documentos, além de refeições e até mesmo banho.

Os moradores em situação de rua são todos aqueles que ocupam espaços públicos ou privados sem autorização, por não terem, na maioria dos casos, uma residência. Não existem dados consolidados mais recentes sobre a população de rua no DF ou no País. Pesquisa do Ministério do Desenvolvimento Social, de 2008, indica que 35,5% dos moradores estavam na rua por problemas com o alcoolismo e drogas, 29,8% por desemprego e 29,1% por desavenças com parentes.

O projeto de um prédio, a revista e o ex-diretor social

Criada em 2015, para dar voz às manifestações culturais da capital brasileira, a Revista Traços procura também ter uma função social ao dar às pessoas em situação de rua uma chance de serem reinseridas na sociedade. Elas respondem pela comercialização da Traços, depois de cadastradas, e são chamadas de “porta-vozes da cultura”. Cada revista é vendida por R\$ 5,0, dos quais, R\$ 4,0 ficam com o vendedor. Com o real restante, ele compra outra revista para vender, realimentando assim o seu trabalho.



As roupas da filha de Sara, Dandara, fazem parte da decoração da casa. Foto: Israel Sousa

Alexandre Rangel, 44 anos, que hoje ocupa um cargo burocrático na Traços em razão de um problema de saúde, já foi diretor social da revista, porque durante a sua concepção, a equipe de criadores, avaliou que ele teria o perfil adequado para trabalhar diretamente com a população em situação de rua, por ter tido experiência com educação popular em Brasília. Rangel percebeu que a Lei Federal 13.465, de 2017, estabelecia uma cota de moradia e programa habitacional para pessoas vulneráveis, mas quem conseguia acessar essa cota, geralmente, eram grupos de pessoas que tinham uma organização, o que não é o caso da população em situação de rua.

A partir daí, fez contatos com a CODHAB e se informou sobre o processo de habilitação para essas moradias. Ele não descansou: “Montamos uma força tarefa com o pessoal da Traços para cadastrar essas pessoas e saiu então esse empreendimento no Sol Nascente para 12 moradores. Ficou ainda de sair um empreendimento para as outras 37 pessoas da lista, que é a nossa próxima luta”.

Para se inscreverem no projeto os moradores em situação de rua em Brasília tiveram que regularizar seus documentos para mostrar que já não consumiam álcool ou drogas. Com a divulgação da ideia, por meio do Centro POP, surgiram 50 inscritos, dos quais os assessores técnicos e sociais da CODHAB selecionaram 12, com base no histórico de vida de cada um, além do não-vínculo com álcool ou entorpecentes. Um deles é da paulista Sara de Freitas.

Quem é Sara?

Ela tem 39 anos e uma filha de cinco, que leva o nome de Dandara, em homenagem à figura histórica brasileira que lutou pela liberdade dos negros no período da escravidão, defendendo sobretudo o Quilombo dos Palmares, em Alagoas, um dos mais emblemáticos quilombos onde se refugiavam escravos. A pequena Dandara ainda não luta mas aprendeu a desenhar e a colorir as figuras dos livros e revistas que ganhou da mãe, vários espalhados pela casa ao lado de outros brinquedos.

Sara de Freitas, que já viveu como os antigos hippies de 2008 a 2012, carrega essa ideia do movimento até hoje com clareza, o que se torna perceptível enquanto ela fala com paciência e explica toda a história de sua vida. Artesã, nasceu em Jundiá, São

“Mesmo para eu que sou hippie, que prefiro criar asas do que raízes, emocionalmente, isso dá uma equilibrada, eu tenho para onde voltar, eu acho isso muito forte”

Sara de Freitas



Brincos, pulseiras e colares são herança dos tempos em que Sara foi hippie. Foto: Israel Sousa

Paulo, onde se formou em História e deu aula durante 10 anos, quando desistiu da sala de aula por acreditar que não estava cumprindo seu papel social. Foi aí que, como ela mesma diz, se tornou hippie, vendendo, principalmente, artesanatos. Depois de um tempo engravidou e decidiu que não queria mais viver daquela

forma por causa da criança. Após sofrer agressões físicas e psicológicas por parte do companheiro com quem vivia, fugiu para Brasília. Era meados de 2015.

Em Brasília, conseguiu trabalhos que garantiam alguma renda e viveu um tempo em casas para moradores em situação de rua, principalmente na Casa



Pequenos vasos de planta, feitos de barbante, também enfeitam a casa de Sara e sua filha. Foto: Israel Sousa

Santo André, que apesar de não existir mais na capital, atua em outros estados. Trabalhou durante 20 meses no projeto Cuidando da Vida, cujo objetivo é prestar assistência aos moradores que usam drogas e álcool. Segundo ela, foi quando as coisas começaram a melhorar. “Acredito em uma energia, porque quando se fala de Deus se pensa em um homem, mas eu acredito nessa energia e as coisas aconteceram de uma forma muito legal para mim”, afirma com tranquilidade. A ex-professora explicou também que não é correto o termo moradores de rua, e sim população em situação de rua, porque estar ali é apenas um momento, um fato que aconteceu e resultou nisso. “Estar na rua não é e nem deveria ser algo definitivo”.

Depois de viver um tempo do auxílio-moradia, Sara se cadastrou na CODHAB para tentar ser uma das beneficiadas pelo projeto do Sol Nascente, onde está desde maio de 2018. “Mesmo para eu que sou hippie, que prefiro criar asas do que raízes, emocionalmente, isso dá uma equilibrada, eu tenho para onde voltar, eu acho isso muito forte”, conta Sara, que também é a síndica do prédio. Ela diz que se entende (ou se considera) comunista e que, apesar de ter uma casa, ainda acredita no espírito de viver em coletivo, porque “as necessidades de todos são as mesmas”. Sara sempre ajuda os outros moradores do prédio, emprestando, por exemplo, uma panela ou dividindo um pouco do seu espaço e do seu tempo.

Quem é Raimundo?

Aos 54 anos, Raimundo hoje vive sozinho em um espaço pequeno, mas muito organizado. Quando a reportagem visitou sua casa, a cama — que também serve de sofá — estava impecável e fica próxima à televisão. A arrumação do resto da quitinete, incluindo a cozinha, também é inquestionável. Raimundo dos Santos não contraria as expectativas que muitas vezes se tem a respeito de um carioca: gosta de samba e pagode, além de ser bastante alegre. O sambista de Duque de Caxias, na baixada fluminense, toca em um grupo chamado Samba Por Brasília, e apesar de hoje apenas cantar, avisa que está no primeiro semestre da Escola de Música de Brasília e irá aprender a tocar um instrumento.

Raimundo é porta-voz da revista Traços e ainda que tenha estudado no Rio de Janeiro até a 6ª série, quando conheceu o Centro POP, no final de 2016, conseguiu por meio dele entrar na escola e concluir o ensino fundamental e médio. Passou 8 anos nas ruas de Brasília e em 2018, depois de ter vivido certo tempo de auxílio-aluguel, fornecido pelo governo do DF, conseguiu se mudar para o prédio. Até hoje o ex-morador de rua nutre um carinho muito grande pela Escola de Meninos e Meninas do Parque, localizada no centro

de Brasília — no Parque da Cidade — focada no ensino da população de rua. O sambista estudou lá até se formar no ensino médio e a escola está presente nas letras das músicas que ele compõe.

O homem não se preocupa, em momento algum, em esconder o orgulho, e certa vaidade, que sente em relação a cada pedaço de sua história. Emocionado, diz que está aprendendo espanhol no nível avançado e que pretende ainda fazer um intercâmbio em algum país da América Latina. Enquanto conta de sua vida, Raimundo interrompe a si mesmo para cantar as músicas dos pagodes que carregam as experiências dele nas letras. “Isso é verídico, isso é verdade, que eu vou cantar esse pagode onde? Na faculdade”, canta em ritmo de samba sobre sua outra vontade, de fazer Educação Física na Universidade de Brasília (UnB). O porta-voz da Traços mostra, ainda, feliz, o seu nome nos créditos da revista para a qual trabalha. Alguns pesquisadores da UnB o contactaram para fazer trabalhos sobre sua vida e foi publicada uma reportagem sobre ele na própria Traços em 2016.

Quem é Tiago?

De Brasília, Tiago de Sousa viveu oito anos na rua, três deles viajando pelo Brasil. O rapaz que hoje tem

Raimundo, o sambista que pretende fazer um curso de Educação Física. Foto: Israel Sousa

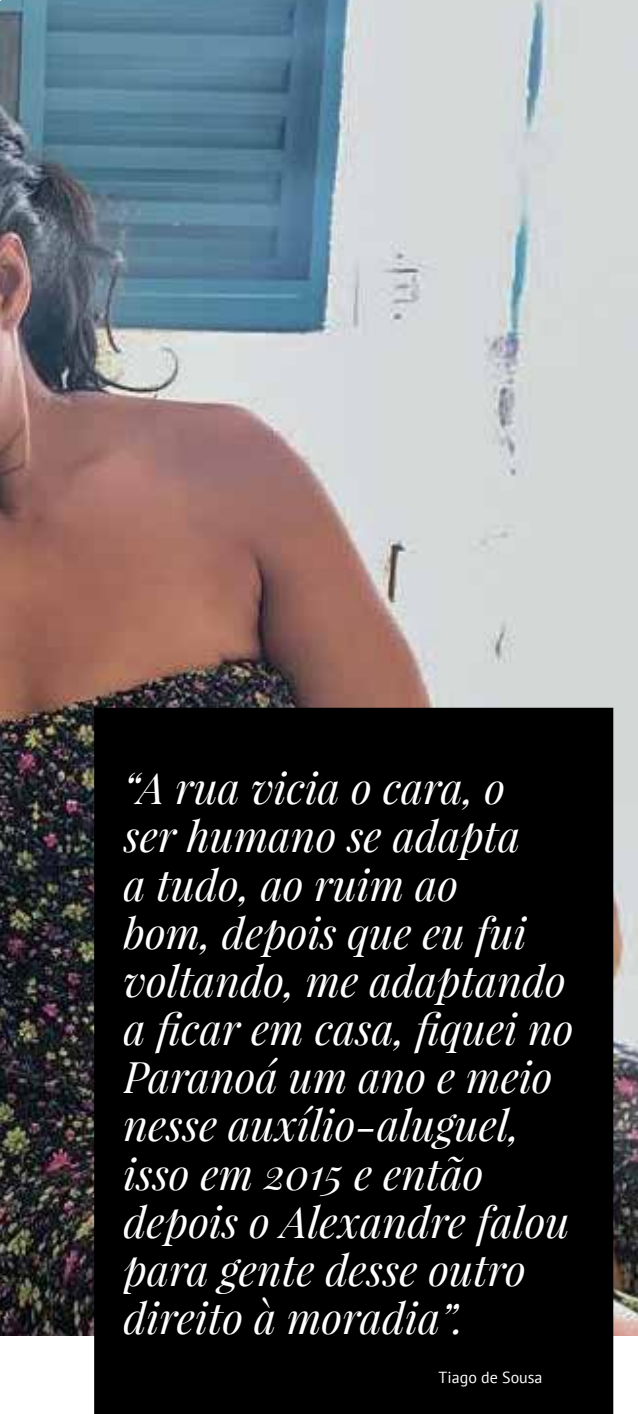




O que eram dois – Leila e Tiago – viraram três com a chegada do pequeno Noah. Foto: Ana Luisa Araujo

32 anos conta que antes tinha uma vida normal, trabalhava como pintor. “Comecei com maconha, depois cocaína, depois fui parar no crack, o crack é o final porque aí você perde o controle de tudo”, avisa. Os três anos em que viajou foram uma tentativa frustrada de se desvencilhar do crack, porque, segundo ele, todo lugar tem droga. Após retornar à Brasília, começou a frequentar o Centro POP e depois o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), onde foi diminuindo o uso com a ajuda de uma psicóloga e logo em seguida começou a trabalhar como porta-voz da Traços.

Depois que Alexandre Rangel, diretor da Traços falou sobre o auxílio-aluguel, após muita insistência com o governo do DF, Tiago e outros porta-vozes conseguiram o benefício. Morou um tempo no Paranoá, outra das regiões administrativas do DF, e recorda que sentia falta da rua, se sentia sozinho. Foi quando chamou um amigo para morar com ele e lembra de como se acostumou a viver rodeado de gente, mesmo que desconhecidos: “A rua vicia o cara, o ser humano se adapta a tudo, ao ruim ao bom, depois que eu fui voltando, me adaptando a ficar em casa, fiquei



“A rua vicia o cara, o ser humano se adapta a tudo, ao ruim ao bom, depois que eu fui voltando, me adaptando a ficar em casa, fiquei no Paranoá um ano e meio nesse auxílio-aluguel, isso em 2015 e então depois o Alexandre falou para gente desse outro direito à moradia”.

Tiago de Sousa

no Paranoá um ano e meio nesse auxílio-aluguel, isso em 2015 e então depois o Alexandre falou para gente desse outro direito à moradia”.

Antes de morar no prédio ele passou 4 meses na rua como forma de despedida. Atualmente, o homem se sustenta com empregos rápidos de pintor e com oportunidades que aparecem. A casa de Tiago, diferentemente da de Sara e de Raimundo, abriga um móvel muito específico e único: um berço. O homem hoje vive com sua esposa Leila numa quitinete que fica no

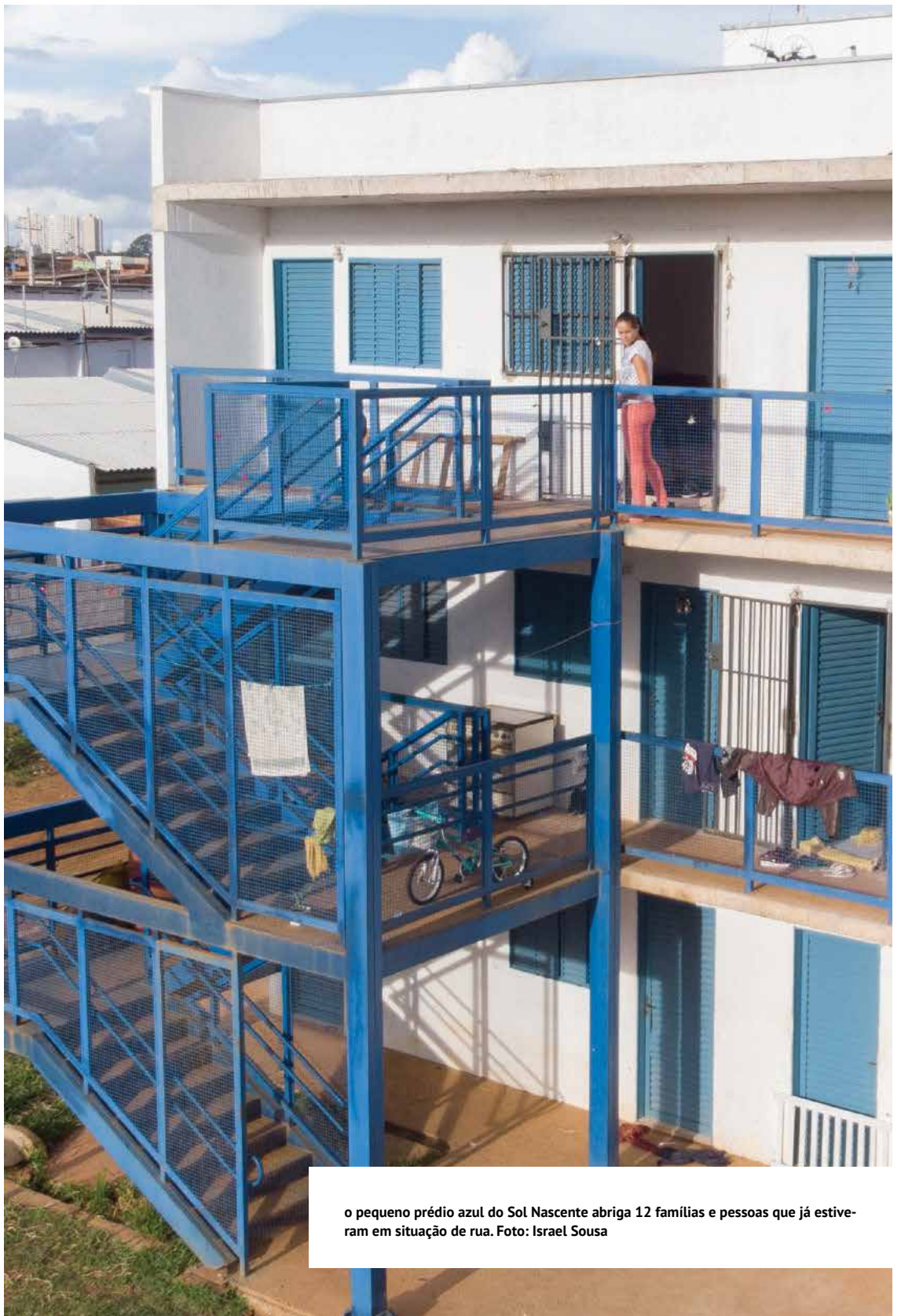
último andar do prédio Alexandre Rangel e juntos tiveram Noah, que no dia da entrevista para Campus Repórter completava um mês de vida. As prioridades mudam com o tempo. Segundo o rapaz, que é ex-usuário de drogas, o dinheiro que ele usava para comprar maconha hoje compra fraldas.

Quem é Leila?

“Quando começa a chover eu já agradeço logo a Deus, mesmo o colchão sendo mole, obrigada senhor pela casa, pela cama, pelo colchão, cobertor”, diz Leila, que hoje comemora o fato de ter um teto sobre ela, Tiago e Noah. A mulher de 38 anos começou a usar drogas por influência da irmã, que foi passar uns dias em sua antiga casa. Ela não saía do quarto e Leila, curiosa, entrou um dia para saber o que ela fazia durante tanto tempo ali. Descobriu, começou a usar crack e depois a passar temporadas em situação de rua. À época era casada e afirma que o então marido aceitou ela nessa situação por dois anos.

Antes de morar no prédio do Sol Nascente, Leila Medeiros dormia lá de vez em quando, até que se envolveu mais com Tiago, gostou da idéia de ter um lugar para morar e os dois passaram a viver juntos. Leila esteve em situação de rua apenas durante 10 meses, entre 2017 e 2018, porque antes disso ela fazia o movimento de ficar fora e depois voltar para a casa dos familiares, tendo sempre como motivação para os afastamentos o uso do crack. “Tiago que me incentivou a buscar os benefícios da moradia e do Centro POP. Com 10 meses na rua, no finalzinho, eu o conheci, passei a almoçar no Centro POP, tomar banho e depois me mudei para cá”, afirma.

Noah tem um irmão de 18 anos, Alexandre, do primeiro casamento de Leila, que vive sozinho em Alexânia, município de Goiás, a cerca de 80 quilômetros de Brasília. “Mas ele tem juízo, falei para ele, olha para tua mãe, meu filho, para o passado imundo da tua mãe, só andava apanhando de polícia, de vagabundo, de puta, tudo de ruim aconteceu com tua mãe, porque ela não quis estudar e nem obedecer os pais”, declara Leila. A moradia transformou a forma como o casal resolve os problemas. Contam de uma vez em que estavam à noite em Ceilândia e não conseguiram pegar o último ônibus para o Sol Nascente, às 10h40, mas, mesmo assim, foram a pé para casa. “Se fosse antes, não ia voltar, ia encostar em um canto e dormir, ia ficar doida, arrumar um pedaço de papelão e ficar lá”, lembra a moça do tempo de quando dormia na rua.



o pequeno prédio azul do Sol Nascente abriga 12 famílias e pessoas que já estiveram em situação de rua. Foto: Israel Sousa

O presente e o futuro do projeto

Segundo Sara de Freitas, a CODHAB, nos últimos meses, estava querendo tirar seis famílias do prédio para voltar a ser como no projeto original, seis 6 apartamentos e não 12 quitinetes, mas nenhum morador concorda, inclusive a ex-professora: “A gente não vai aceitar, só vamos aceitar quando tiver com um outro empreendimento pronto”.

“Quando existe força política, quando os políticos querem fazer, as coisas se tornam fáceis”, diz Rogério Soares, conhecido como Barba, um dos principais idealizadores do projeto junto com Alexandre Rangel. Para ele a articulação política da época entre CODHAB e o então governador Rodrigo Rollemberg permitiu que as coisas acontecessem de forma rápida. O prédio foi construído em quatro meses.

A Companhia de Habitação assegura que a idéia é continuar com a construção de unidades habitacionais similares. Há um projeto para mais 63 prédios de seis apartamentos, cada um, mas segundo a CODHAB, o projeto arquitetônico ainda está sendo concluído, não há ainda estimativa de custo e nem um prazo para a entrega das habitações.

Muitas das áreas habitacionais fora do centro de Brasília cresceram de forma desordenada, o que resultou em problemas, entre eles a falta de habitações adequadas em um número suficiente. Ainda segundo a CODHAB, a iniciativa inicial de habitação para ex-moradores em situação de rua é inovadora, o que abre caminho para outras de igual relevância no DF. “O Poder Público está ciente dos anseios da sociedade e de que se movimenta, dentro dos princípios legais, para o seu atendimento”, afirma a companhia em entrevista.

Empreendimentos como o do Sol Nascente falam por si só, as residências mudaram a vida de pessoas como Raimundo, Leila, Tiago e Sara. Com uma geladeira em casa, Sara faz picolés e refrescos para vender e garantir alguma renda. O sambista Raimundo hoje vai para suas apresentações de pagode no conhecido restaurante e bar Outro Calaf, no centro de Brasília, mas mesmo que seja longe, quase 40 quilômetros, ele tem um local para voltar. Leila e Tiago conseguem criar o pequeno Noah em segurança, o que a rua jamais seria capaz de proporcionar.

“A gente não vai aceitar, só vamos aceitar quando tiver com um outro empreendimento pronto”

Sara de Freitas



Usados e conectados

Texto Ludmilla Dias
Diagramação Laís Pinheiro
Fotografia Theo Lima



Desapegar de roupas e acessórios parados no armário, ganhar dinheiro extra ou juntar grana para viajar. Os brechós estão em muitos lugares e por diferentes motivos. Com o Instagram, deixam de ser apenas renda complementar e viram negócio de sucesso em Brasília

Crise na economia, consumo mais consciente e sustentável, peças vintage* e de qualidade podem ser algumas justificativas para o sucesso dos brechós. Embora existam desde a Antiguidade, a compra e a venda de artigos usados já sofreram muito preconceito e até hoje é visível uma certa resistência das pessoas em consumir coisas usadas por outros. Escutar a palavra já é motivo para retorcer o nariz, balançar a cabeça e perguntar: “Comprar em brechó?”. Esse tipo de consumo, entretanto, virou exemplo de sustentabilidade e, olha, está na moda, viu?

Nesse cenário, os brechós deixam aos poucos o estereótipo de ter peças com energia ruim e viram um negócio que gera renda fixa. O que pode explicar esse fenômeno é o alcance que passaram a ter. Antes, o limite para ver as peças era o quintal da casa de alguém, a garagem, as ruas e os salões das igrejas.

Agora, com as redes sociais, pessoas de outras cidades, estados e até países podem ter acesso e negociar a compra.

Dessa maneira, o contato entre vendedor e comprador é mais direto. Além disso, no ambiente virtual os clientes podem conhecer a história da proprietária, do brechó e das próprias peças. “As redes sociais, além de serem mais uma vitrine dos produtos de moda, representam e divulgam o comportamento da marca, seu propósito, seus valores”, afirma a coordenadora do segmento de moda do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Distrito Federal (Sebrae-DF), Gabriella Rocha.

São muitas opções: Facebook, WhatsApp, Pinterest, Snapchat. É o Instagram, contudo, que reúne inúmeros brechós online. Aqui no DF, alguns acumulam seis, dez, 50, 60 mil seguidores. “O Instagram



Redes sociais contribuem para o aumento das vendas em brechós

** O conceito de vintage é uma referência aos anos 1920, 1930, 1940, 1950 e 1960, e se aplica em vestuários, calçados, mobiliários e peças decorativas. Assim, vintage pode ser associado a qualquer objeto, como roupas, móveis, automóveis, motos e discos.*



Cara de boutique. É o espaço que os clientes encontram quando vão ao Peça Rara

é, sem dúvida, uma das maiores razões do nosso sucesso. É a única rede social que vimos que tinha potencial para fazer o negócio dar certo e nos ajudar a ter o alcance que queríamos”, explica Vinicius Mozart, um dos proprietários do Brechó do Bine, que conquistou seis mil seguidores.

Espaço online x loja física

O espaço virtual é uma ferramenta que auxilia no aumento de vendas. Para o brechó Peça Rara, com 12 anos de história e seis lojas físicas, o Instagram trouxe 68 mil seguidores. A proprietária Bruna Corrêa admite que a rede social influenciou de maneira direta nas vendas da loja física, “porque as pessoas vão atrás daquilo que a gente posta diariamente. Uma vez indo na loja ver aqueles produtos específicos, elas enxergam outras coisas, se interessam e acabam levando”.

Em outros casos, o espaço virtual é o único para venda e divulgação. A quantidade de peças, a demanda dos clientes e o alto custo no aluguel de uma loja comercial podem levar os donos de brechós a abrir do lugar físico. O proprietário do brechó do Bine conta que ele e seu sócio não sentiram necessidade de abrir um espaço físico, pois “a loja online tem atendido todas as nossas metas”. Já no Las Hermanas (50 mil seguidores) acontece o oposto. “Com o aumento das peças em estoque e o pedido das clientes para que pudessem experimentar as roupas e conhecer todo o acervo sem precisar esperar as publicações no Instagram, a loja física virou uma realidade”, explica Lorena Castro, uma das proprietárias.

Sair das redes para um local físico exige gastos

extras como aluguel, conta de luz, água e IPTU, além das questões burocráticas que podem dar muita dor de cabeça. Para resolver boa parte desses empecilhos, a solução que as proprietárias do Las Hermanas encontraram foi usar a própria casa, reduzindo boa parte dos custos. “Em 2017 transformamos a garagem, que era usada como um depósito, em uma loja que fica aberta de segunda a sábado”, comemora Lorena.

O fato é que as redes sociais são as principais responsáveis pelo aumento nas vendas e no atual sucesso dos brechós. “A web é o melhor ambiente para propagar em círculos o velho e o novo. Como diz Giorgio Agamben, o contemporâneo é o encontro entre passado e presente”, comenta a doutora em Comunicação e Semiótica Cláudia Busato, especialista em moda. “As redes sociais, além de alcançarem diferentes públicos e nichos, inspiram modos de ser e de vestir forjados nesse vai e vem entre passado e presente”, confirma Gabriella Rocha.

“As redes sociais, além de alcançarem diferentes públicos e nichos, inspiram modos de ser e de vestir forjados nesse vai e vem entre passado e presente”

Gabriella Rocha



Lojas online ganham espaços físicos para facilitar a visualização de todos os produtos disponíveis

A profissão em uso

O dicionário Aurélio define profissão como “emprego ou ocupação”. Trabalhar vendendo artigos usados exige cuidado, tempo e dedicação. “Lavamos, passamos, colocamos botão, engraxamos sapato, costuramos”, revela Lorena. “É bem trabalhoso. As pessoas pensam que não, mas é.”

A aceitação do público e o aumento na procura pelas peças fizeram com que as proprietárias do Las Hermanas, Lorena e Luciana, deixassem seus empregos e passassem a se dedicar 100% ao brechó. “Tínhamos nossas profissões. Eu era professora de inglês e minha irmã, enfermeira. A gente trabalha só com brechó hoje em dia”, revela Lorena. O mesmo acontece com a Bruna, do Peça Rara. “Sou formada em Psicologia, não consigo exercer a profissão formalmente, mas a exerço diariamente dentro da loja.”

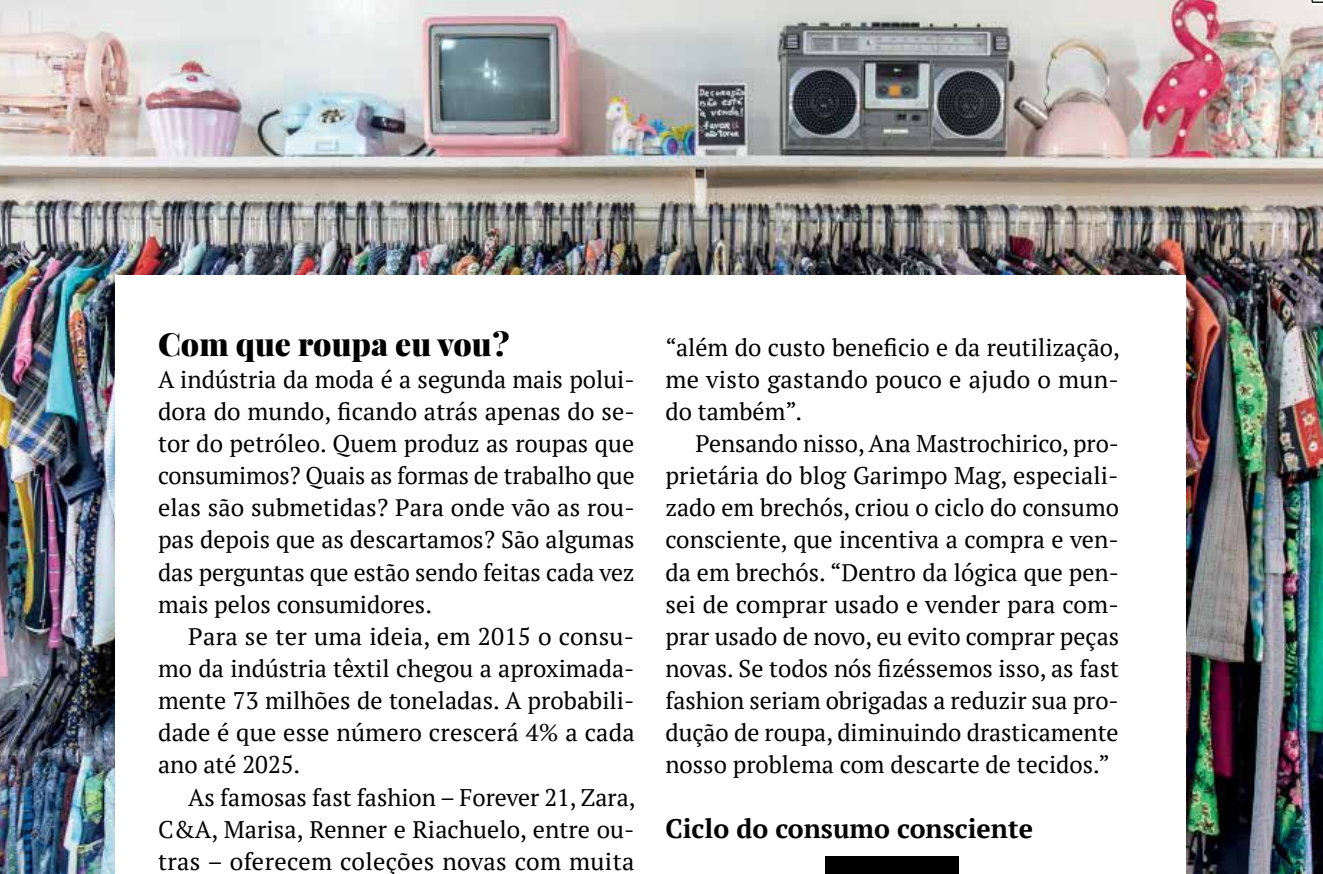
Mas em outros casos não se trata de um “abandono” da formação. Para os proprietários do Bine, em que um ainda está cursando e outro não possui graduação, a renda do brechó “é complementar de um e única do outro”.

O trabalho e a vida pessoal se misturam. Quando questionada sobre o espaço que o brechó ocupa na sua vida, Bruna brinca: “Não sei onde começa a Bruna e termina o Peça Rara. A gente não consegue separar”. Para as donas do Las Hermanas, essa conexão começou na infância. “Nossos pais já tinham brechó há

mais de 30 anos, a gente sempre gostou e sempre se vestiu com roupa de brechó”, recorda Lorena. A paixão por moda e brechós fez com que o Bine surgisse. “Sempre fomos apaixonados por bazares e brechós, decidimos fazer o nosso próprio”, confessa Vinicius.

Essa dificuldade em separar as duas coisas pode justificar a satisfação de quem trabalha com brechós. Como confirma Bruna: “É minha fonte tanto de satisfação pessoal como de renda. Eu me realizo diariamente com o Peça Rara em função não só da venda, da compra e da reciclagem dos objetos, mas das histórias. Acho muito importante essa troca que as pessoas fazem através do brechó”.

E esse intercâmbio pode sair do Instagram e ir para as ruas. Isso é possível graças aos encontros e feiras de brechó. No Distrito Federal, só em 2019, eles já aconteceram na Asa Sul, em Sobradinho, na Asa Norte e em Águas Claras. A proprietária do Bazar Yes, I do, Daniele França, realizou em maio, em Águas Claras, a primeira edição de um encontro que reuniu 25 brechós, dos quais 24 eram online. Para ela, trata-se de oportunidade para “difundir a ideia do consumo sustentável e conhecer pessoas novas e com os mesmos objetivos em relação à sustentabilidade”. Com tantos brechós virtuais e reais, boa oportunidade para encontrar num só lugar aquele que tem peças que nos agradem e sejam compatíveis com o nosso estilo.



Com que roupa eu vou?

A indústria da moda é a segunda mais poluidora do mundo, ficando atrás apenas do setor do petróleo. Quem produz as roupas que consumimos? Quais as formas de trabalho que elas são submetidas? Para onde vão as roupas depois que as descartamos? São algumas das perguntas que estão sendo feitas cada vez mais pelos consumidores.

Para se ter uma ideia, em 2015 o consumo da indústria têxtil chegou a aproximadamente 73 milhões de toneladas. A probabilidade é que esse número crescerá 4% a cada ano até 2025.

As famosas fast fashion – Forever 21, Zara, C&A, Marisa, Renner e Riachuelo, entre outras – oferecem coleções novas com muita frequência e a preços baixos, o que leva ao consumo sem controle e muitas vezes sem necessidade.

“A gente tem tudo pronto, coisas que a gente pode usar e usufruir por muitos e muitos anos. Então não precisa estar comprando e consumindo tudo novo o tempo todo. Vamos usar, reutilizar e reciclar o que já tem pronto no mundo. Essa é a principal razão de existir o Peça Rara”, atesta Bruna Corrêa.

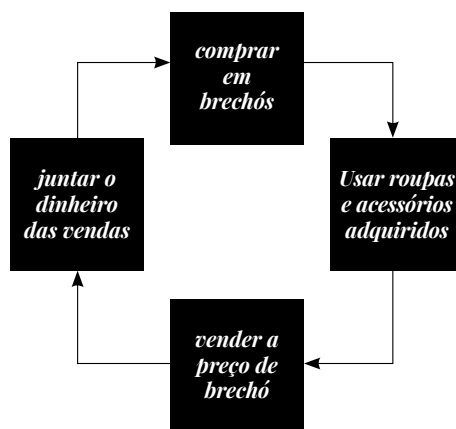
E essa tendência de sustentabilidade tem maior força entre os jovens. “As gerações Y e Z, principalmente, estão mais preocupadas com o futuro do planeta e com a participação deles mesmos nesse processo. Isso inclui saber quem fez as roupas que usam, de onde vem a matéria-prima principal, para onde vai o que deixam de usar. É um estilo de vida mais ativo e preocupado em melhorar o mundo”, esclarece Gabriella Rocha.

Ao comprar em brechós é possível economizar e colaborar para a redução dos danos ao meio ambiente causados pelo grande volume de produção da Indústria da moda. “O reuso de peças é muito importante para o meio ambiente e também agrega ao nosso acervo pessoal com peças exclusivas”, afirma Vera Almeida. Esses motivos também levaram Eylla Thyse a comprar peças usadas, porque,

“além do custo benefício e da reutilização, me visto gastando pouco e ajudo o mundo também”.

Pensando nisso, Ana Mastrochirico, proprietária do blog Garimpo Mag, especializado em brechós, criou o ciclo do consumo consciente, que incentiva a compra e venda em brechós. “Dentro da lógica que pensei de comprar usado e vender para comprar usado de novo, eu evito comprar peças novas. Se todos nós fizessemos isso, as fast fashion seriam obrigadas a reduzir sua produção de roupa, diminuindo drasticamente nosso problema com descarte de tecidos.”

Ciclo do consumo consciente



Fonte: www.garimpomag.com

Além disso, as redes sociais tornam ainda mais direto o contato entre cliente e vendedor, possibilitando a descrição do que é o brechó, de quem vende as peças e de onde elas vêm. “As redes, além do papel de ser um canal importante de venda, têm o incrível poder de ajudar a contar a história de cada empresa. Os empreendedores precisam aprender a explorar mais essa forma de se conectar com seus clientes”, recomenda Gabriella. E por ser uma vitrine dos produtos, tornam mais prática e rápida a escolha da peça. “Compro mais em brechós online porque não tenho tempo de ir aos físicos”, admite Eylla Thyse.



Cotas em ascensão

Texto Marcos Amorozo

Diagramação Giullia Venus e Laís Pinheiro

Fotografia Israel Sousa e Carlos Augusto



Experiências de quatro alunos da Universidade de Brasília são exemplos do sistema que abre portas para diferentes realidades da sociedade brasileira





Filho e neto de motorista de ônibus, Marcelo hoje é assessor de comunicação e faz uma segunda graduação em Comunicação Organizacional. Foto: Israel Sousa

Abre os olhos, pé no chinelo, pensa em voltar a dormir. Cansaço pesa. Levanta, toma banho, escova os dentes, engole um café e corre para o ponto de ônibus. São 5h45 e mal amanheceu. Espera o primeiro baú para tentar chegar a tempo da aula, às 8h. No bolso, tem o dinheiro contado para a passagem. O passe livre só funciona para trajetos dentro do Distrito Federal.

Da Cidade Ocidental, em Goiás, localizada no entorno de Brasília, até o Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília (UnB), na Asa Norte, são 60 quilômetros de distância. Quase duas horas e meia dentro do coletivo. Depois de três itinerários diferentes, às 8h10 finalmente chega ao Instituto Central de Ciências e, se der sorte, ainda consegue a presença no primeiro horário. Por cinco anos, assim eram as manhãs de Marcelo Tobias dos Santos da Costa, 24.

Mas o ritual não é exclusivo dele. Esse é o início do dia para milhares de estudantes que, por meio das cotas sociais instituídas em 2014 pelo Governo Federal, puderam ingressar na UnB em pé de igualdade com os demais concorrentes. São Marcelos, Izabellys, Luans, Giovannas e tantos outros que, vindos de diferentes regiões do Distrito Federal e do Brasil, enfrentam dificuldade de locomoção e rotinas exaustivas; mas enxergam no ensino superior público a possibilidade de ascensão social, pessoal e intelectual.

A reserva de vagas transformou a realidade dentro do campus. De acordo com um estudo da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), 46% dos estudantes das universidades públicas do DF são de baixa renda e vivem com até 1,5 salário mínimo. Em todo o país, 70% dos alunos das Ifes se encaixam nesse perfil.

“O sistema de cotas estimula o sistema público de educação e dá chance aos de baixa renda. Ele já mudou e vai mudar mais ainda a realidade da UnB. A diversidade de alunos deixa o espaço da instituição

mais próximo da realidade da sociedade. Torna a universidade mais universal”, afirma Wilson Theodoro, diretor técnico de graduação da UnB.

Tempo, transporte e dinheiro

Aluno da rede pública desde a pré-escola, Marcelo passou pelo Programa de Avaliação Seriada (PAS) pelo sistema de cotas instituído anteriormente pela UnB em 2013. O pai, motorista de ônibus. A mãe, babá particular. Ele é o primeiro da família a ingressar na universidade. “Além do meu pai, meu avô e bisavô também trabalharam como motoristas de ônibus. Era como um destino para mim. Entrar na universidade foi a chance de quebrar esse ciclo traçado e projetar um futuro diferente”, diz.

Marcelo começou a estagiar já no segundo semestre. Não somente pela experiência mas, principalmente, pela renda extra que poderia garantir para ajudar a família. Nesse período também conseguiu o auxílio socioeconômico da UnB e recebia mais R\$ 530 para ajudar nas despesas. “Enquanto a maioria dos alunos se preocupava somente com as aulas e os

“Não sei como seria a minha vida sem a UnB!”

Marcelo Tobias

trabalhos, eu tinha que me preocupar também em como me manter. Precisava ter o dinheiro para as cópias dos textos, para comer – mesmo no Restaurante Universitário, que é subsidiado – e para qualquer despesa que eu tivesse fora de casa”, expõe. Nessa época, além de sair de casa às 5h45, Marcelo só voltava para a Cidade Ocidental no fim da noite, o que exigiu mais dedicação para dividir o tempo com os estudos.

“Poder apenas estudar era um privilégio que eu não tinha. Aprendi a me virar”, conta.

Essa frase também é repetida por Luan Guilherme Vermeuleu Lima, de 22 anos. Seus pais são semi-analfabetos, trabalham como caseiros e a profissão fazia com que se mudassem muitas vezes. Para eles, a educação dos filhos sempre foi prioridade, tratada como saída para a realidade em que viviam. A cada mudança, a primeira coisa que providenciavam era a matrícula na escola mais próxima. Mesmo assim, Luan acabou atrasando a formação do ensino regular em dois anos.

Luan entrou no curso de Pedagogia da UnB, em 2016, nas vagas reservadas para alunos de escolas públicas com renda per capita de até 1,5 salário mínimo. Não tinha dinheiro para fazer cursinhos preparatórios e nem queria perder tempo. “Minha vontade era me matricular logo, experimentar a vida universitária. Pedagogia era um curso que dava para passar com minha nota, e as cotas foram fundamentais para isso”, diz. Mas, logo depois, preferiu mudar de ares. “Tentei gostar das disciplinas e não deu. Então preferi prestar o vestibular de novo, em 2018, dessa vez para a área certa”, afirma Luan.

Hoje, o estudante do terceiro semestre de História mora sozinho no Gama e fez essa opção pelo valor que poderia pagar no aluguel. Para se bancar, trabalha das 8h às 18h, como auxiliar de escritório e, além do salário, recebe o auxílio socioeconômico da UnB. Morando ali, consegue gastar menos tempo no transporte público do que se vivesse com os pais, na zona rural. Mesmo assim, faz oito viagens diárias entre a residência, o trabalho e a universidade; quatro na ida e quatro na volta.

“O transporte é o que mais me atrapalha. Perco, pelo menos, cinco horas do meu dia dentro do ônibus. Saio de casa às 5h20 da manhã e só volto depois da meia-noite”, afirma. Com pouco tempo para estudar durante a semana, sábado e domingo são dias de por as matérias em dia. “Se a gente não corre atrás, acaba ficando defasado com a carga de leitura e aprende menos”, diz Luan.

Por vir de fora e não ter parentes por aqui, Izabelly Rezende, de 21 anos teve que encontrar um lugar para morar. Assim, optou por ficar perto da Asa Norte, para não despende muito tempo com transporte, mesmo sendo um pouco mais caro que morar em alguma das cidades satélites. “O ônibus que eu pegava parava bem em frente ao Instituto de Relações Internacionais, onde eu tinha a maior parte das aulas.”, afirma Izabelly.

Para a moradia ser viável financeiramente, precisou

dividir as despesas com alguém. Primeiramente, com uma advogada desconhecida da Vila Planalto; depois, com o namorado – que conheceu na capital federal. “As primeiras experiências foram loucas e, ao mesmo tempo, vantajosas. Era tudo desconhecido para mim, mas não tinha como eu me perder”, diz. Assim como Marcelo e Luan, Izabelly conta com o programa de permanência da UnB para se manter e pagar as contas.

Sem reajuste desde 2014, o repasse federal para a assistência estudantil é de R\$ 30,6 milhões anuais. Sete mil estudantes são beneficiários dos programas oferecidos pela UnB custeados por essa verba. O maior deles é o Bolsa Alimentação, que subsidia integralmente as refeições no Restaurante Universitário. Desde o segundo semestre de 2017, todos os calouros com renda per capita familiar inferior a 1,5 salário mínimo têm acesso imediato ao benefício. Além dele, o auxílio socioeconômico – com 3,3 mil beneficiários, e o auxílio moradia estudantil – que abrange 1,7 mil estudantes, são os principais programas assistenciais da universidade.

Ajustes e ambientação

Sete anos depois de sancionada a lei nº 12.711/2012, que implementou as cotas sociais e raciais em todas as Instituições Federais de Ensino Superior (Ifes), mais de 15,5 mil alunos entraram na UnB ocupando as vagas reservadas para egressos de escolas públicas. A lei determinou que, em até quatro anos, 50% das matrículas deveria atender os critérios de cotas raciais e sociais. No primeiro ano, 18% das vagas foram destinadas a esse público. O aumento foi gradativo até a plena implementação da lei, em 2016, quando 3.767 alunos fizeram a matrícula nos 138 cursos de graduação da instituição.

Apesar de a reserva ser de metade das vagas, nem sempre todas são preenchidas, mesmo com a rotação das listas de chamada. Isso ocorre porque alguns dos aprovados moram longe, desistem da vaga ou passam em outras universidades de seus interesses. No último processo seletivo, dos quase 4 mil alunos convocados para ingressar no primeiro semestre de 2019, 47% estudaram na rede pública de ensino. Entre eles, está Giovanna Cristina Costa de Faria, 18.

Por morar em Planaltina, acorda 5h20 da manhã, pega carona de carro com uma amiga e deixa para tomar café no Restaurante Universitário, já que conseguiu a bolsa alimentação por ser diabética. Tem aulas todas as manhãs; com exceção de terça-feira, quando estuda até as 16h, e de sexta-feira, em que sai do campus Darcy Ribeiro às 18h. Do mesmo jeito que



Em processo de mudança de curso, Izabelly já desfila pelos corredores da Faculdade de Comunicação, mas ainda carrega Relações Internacionais no peito. Foto: Israel Sousa

"Gosto de desenvolver atividades variadas, e a comunicação permite isso. Do jeito que eu sou, sei que posso até empreender e montar meu próprio negócio. São muitas possibilidades"

Izabelly Rezende

Luan e Marcelo, Giovanna também enfrenta problemas e gasta muito tempo no transporte no trajeto casa-universidade, seja ele feito de transporte público ou pelo ônibus intercampi. "Chegar e voltar da UnB é bem tenso, é longe e demora muito. É bem desgastante", avalia.

Atualmente mora com a mãe, já que o pai faleceu há cinco anos e a irmã mais velha casou e saiu de casa. Os pais pararam de estudar depois do ensino médio e conseguiram passar em um concurso. De todas as partes, Giovanna foi incentivada a estudar, mas nada que a pressionasse e não deixasse que fizesse suas escolhas. "Entrar no ensino superior público sempre foi uma coisa minha. Mesmo apertado, minha família poderia pagar uma universidade privada. Mas eu sempre quis continuar no sistema público, como foi toda a minha vida escolar e agora na faculdade", reconhece a caloura.

Passou o ensino básico e médio estudando em uma escola perto de casa, o que fez a distância ser uma das barreiras maiores a ser transposta diariamente. Mas não a única. Outra dificuldade é acompanhar o restante da turma e o ritmo dos números e contas passados pelos professores. No primeiro semestre de Estatística, a disciplina de Cálculo I é a vilã que a fez correr atrás de vídeo-aulas, monitorias e estudos solitários para rever e aprender conceitos básicos e

necessários para a aprovação. "As defasagens são em coisas básicas. Minha escola era muito boa, mas mesmo assim eu tive alguns poucos professores que não conseguiram passar todo o conteúdo e me dar uma base maior. Mas agora estou no mesmo ritmo dos outros e todo mundo se ajuda", conta.

A adaptação ao ritmo e o modelo das aulas noturnas também foi um pouco difícil para Luan. As exigências de conhecimento prévio e de dedicação eram bem diferentes da que tinha enfrentado até a entrada na universidade. O dinheiro também não permitia que comprasse todos os materiais para o uso nas disciplinas. Aí encontrou outros alunos na mesma condição que ele e, juntos, passaram a compartilhar o que tinham. Se um comprava o livro solicitado pelo professor, tirava foto e mandava para os demais. Comportamento semelhante acontecia quando trabalhos em grupo exigiam o uso de equipamentos mais caros.

"Mesmo tendo oportunidades diferentes, não sinto diferença entre mim e os outros alunos por ser costista. Não recebi também nenhum tratamento desigual. Nenhum professor deu atenção diferenciada. Eles nem sabem como o aluno entrou ali. Se eu atraso a entrega de um trabalho, o professor pode ou não permitir o novo prazo. Mas eles costumam entender algumas situações e são bem flexíveis", conta.

E o futuro?

Apesar de gostar muito de Relações Internacionais, Izabelly, que está no quarto semestre, pensa em mudar de área. “Não me sinto incluída com os demais alunos do Instituto. Mesmo tendo um curso de Tecnologia da Informação e falando quatro idiomas, é como se eu não pudesse participar daquele mundo”, diz. Ela enxerga no curso de Comunicação Organizacional um mercado de trabalho com mais oportunidades para guiar a carreira. “Gosto de desenvolver atividades variadas, e a comunicação permite isso. Do jeito que eu sou, sei que posso até emprender e montar meu próprio negócio. São muitas possibilidades”, projeta.

Ainda que ainda esteja longe da formatura, o sonho da vaga de trabalho é uma preocupação de Luan. O foco dele é sair da UnB e dar aulas na rede pública de ensino do DF; mas sabe que, para isso, precisará enfrentar uma grande concorrência nos concursos públicos da Secretaria de Educação. “Não vai ser fácil, e sei que vale a pena pela estabilidade, o salário e, principalmente, a oportunidade de trabalhar nas escolas públicas. Quero ajudar alunos que, assim como eu, sempre sonharam com a universidade federal.”

Giovanna escolheu estudar Estatística por ter bons desempenhos nas matérias de exatas e por gostar de trabalhar com os números. Além disso, ela queria uma graduação que tivesse mais oportunidades de emprego, com uma grande gama de áreas de atuação. Ainda não tem planos muito concretos, até por estar no começo do curso e não saber em qual nicho quer seguir e se especializar. Mesmo assim, acredita que, por se formar na UnB, ela conseguirá cargos e funções mais

requisitados, com vantagens em processos de seleção.

“A UnB é uma grande referência e isso já ajuda muito em qualquer área que eu for trabalhar. Além da graduação, a universidade me dá oportunidades de me especializar na área que eu quiser, de fazer um mestrado, um doutorado. Ela tem estrutura para me dar o melhor daqui pra frente. Tenho chances, inclusive, de fazer um intercâmbio e ampliar ainda mais meus estudos”, cobiça Giovanna.

Foi isso que Marcelo fez em 2016. Ele teve a oportunidade de esticar sua viagem da Cidade Ocidental para além da Asa Norte. Dessa vez, o destino era Portugal. De um banco multinacional conseguiu uma bolsa de três mil euros para custear gastos como passagem aérea, hospedagem e alimentação durante o intercâmbio. Porém, isso não era suficiente para os seis meses que passaria na Universidade de Lisboa. Trabalhou em dois estágios, fez financiamento coletivo na internet, vendeu rifas e doces e, em agosto de 2017, embarcou no avião para o velho continente.

Por lá ficou até fevereiro de 2018, quando voltou para entregar o trabalho de conclusão do curso e se formar. Essa bagagem contou para ser contratado como assessor de imprensa depois do término do último contrato de estágio. “O intercâmbio e o carimbo da UnB no currículo pesaram demais para que eu fosse efetivado. Sou o que sou hoje em decorrência do sistema de cotas sociais que me permitiu entrar na universidade e disputar, em grau de igualdade, com os demais. Não sei como seria a minha vida sem a UnB!”, desabafa Marcelo, entre o alívio agrado e uma felicidade que parece infinita.





Mães prematuras

O medo e a preocupação não acabam na porta do hospital. Como é a vida depois que os bebês saem da UTI?

Texto Melissa Duarte

Fotografia Carlos Augusto Xavier

Diagramação e Ilustração Laís Pinheiro

A dona de casa Manoela Santos não pensava em ter mais filhos quando descobriu a gravidez de Hellena. Mãe de outros dois jovens, um de 18 e outra de 17, agora vê a pequena se transformar na alegria da casa. “Ela não foi planejada, mas é muito amada. Os irmãos babam nela”, orgulha-se. Mas, antes de pensar em ter a filha nos braços, veio a preocupação de viver uma gravidez de risco e de lidar com a hipertensão e com a diabetes gestacional.

Hoje, a menina está fora de perigo. Mas nem sempre foi assim. “Logo depois do parto, ela já foi pra UTI. No outro dia, eu fui lá de cadeira de rodas — até então, eu não estava dando conta de andar e minha mãe me levou. Quando eu a vi nos aparelhos, eu fiquei com medo, eu me assustei”, relata a mãe. Foi em março de 2019 que Hellena veio ao mundo: prematura, com 34 semanas — a bolsa, no entanto, havia rompido na semana anterior.

Com a prematuridade, vieram problemas respiratórios — o pulmão não estava completamente formado. Manoela conta que a bebê precisou ficar internada durante cinco dias na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e outros dez na enfermaria do Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB). Com Hellena, estava a mãe, que recebeu alta um dia antes da filha e, depois, a acompanhou na enfermaria.

“[A rotina] foi corrida. Eu estava no alto risco e, do alto risco, eu tinha que ir direto três, quatro vezes [por dia] à UTI para vê-la tirar leite”, relembra Manoela. “Eu nunca tive filho prematuro, nunca pensei que ia passar por toda aquela situação. Deus te dá força e você não sabe nem de onde. Quando eu toco no assunto, ainda me dói”, desabafa Manoela, ainda traumatizada com os dias que passou com a caçula na UTI neonatal.

“Toda vez que nasce um prematuro, nasce uma mãe prematura, que não estava preparada para receber aquele bebê”, afirma a pediatra neonatologista do HMIB Marta David Rocha de Moura. Para o bebê ser considerado prematuro, o nascimento deve ter ocorrido antes da 37ª semana de gestação. Dessa até a 42ª semana, os médicos consideram tempo recomendado para a gravidez.

Segundo a médica, até 25 semanas, ele é chamado de microprematuro e de prematuros tardio da 26ª a 37ª. A partir da 32ª semana, a taxa de sobrevivência cresce e chega a 90%. Dessa classificação, surge outra para acompanhar o desenvolvimento do bebê: a idade corrigida, isto é, quanto tempo de vida o bebê teria se houvesse nascido na 40ª semana de gestação. A idade cronológica permanece a da data de nascimento. Ambas se igualam — ou seja, deixam de ter

diferença — quando a criança faz três anos.

O caso de Manoela e de Hellena não é isolado. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2017, nasceram aproximadamente 15 milhões de bebês prematuros no mundo. Com eles, também, nasceram 15 milhões de famílias — “prematuros”, como diria a médica.

São 15 milhões de famílias que oscilavam entre a incerteza dos dias na UTI e a esperança de irem para casa com a filha ou o filho no colo, entre a felicidade por receberem um novo membro para a família e o medo de não saber se ela ou ele iria conhecer a casa da família. São 15 milhões de famílias que, talvez, não tenham tido tempo para montar o quarto, o enxoval e realizar um chá de bebê.

De fato, esses dados são alarmantes. Um milhão de prematuros não sobrevive no mundo. O Brasil foi o 10º no número de nascimentos prematuros. No país, foram 318.406 nascimentos prematuros em 2017, o que equivale a 11% do total de nascimentos. Noutras palavras, a cada 100 partos, 11 foram realizados antes da 37ª semana. Contudo, a prematuridade lidera a causa de mortalidade de brasileiros até um ano de idade.

“Quanto menor a idade gestacional, maior o tempo de internação”, analisa a pediatra. Maiores, também, são os riscos para os recém-nascidos. De acordo com Marta, que cursa doutorado em Ciências da Saúde na Universidade de Brasília (UnB), quadros respiratórios — tal qual o de Hellena, paciente dela — são

“Toda vez que nasce um prematuro, nasce uma mãe prematura, que não estava preparada para receber aquele bebê”

Marta David

os mais comuns. Lá, os bebês só podem receber alta após se reestabelecerem. Depois disso, ainda devem voltar ao hospital para acompanhamento periódico até os dois anos de idade.

No caso do pequeno Enzo, a história foi um pouco diferente. A mãe, a secretária Lorena Maria da Silva, é quem foi para a UTI após o parto, devido à hipertensão. Enquanto isso, o bebê ficou no quarto com a família. Antes disso, porém, a mãe estava internada desde a 30ª semana de gestação para evitar o parto prematuro. Não foi possível, mas os médicos conseguiram adiar o parto em cinco semanas. Ao todo, foram 45 dias internada.

Enzo nasceu em 15 de março, uma semana depois de Hellena. O bebê foi para a UTI neonatal aos cinco dias de vida, devido à baixa oxigenação sanguínea e à apneia causada pelos medicamentos que Lorena precisou tomar durante a gestação. Com o tempo, os batimentos cardíacos dele passaram a diminuir. “É muito ruim, muito doído. Eu chorava 24 horas por dia mesmo sabendo que ele estava sendo bem cuidado”, resume Lorena. Depois disso, ficaram internados juntos num quarto da unidade de saúde.

Nem sempre a prematuridade pode ser explicada. Quando pode, as razões são variadas. Vão de complicações maternas — a hipertensão de Manoela e de Lorena, a diabetes gestacional também de Manoela, a pré-eclâmpsia e o fumo são alguns exemplos — a problemas no desenvolvimento do feto, como malformações, síndromes e doenças cardíacas. Ademais, cresceu, ainda, o número de reproduções assistidas, que, muitas vezes, levam a gêmeos e trigêmeos.

Maior unidade neonatal pública do DF, o HMIB atende cerca de 400 crianças mensalmente. Além disso, é referência no cuidado de bebês prematuros — é onde a maioria deles nasce no Distrito Federal — e casos cirúrgicos. A unidade oferece tratamento multidisciplinar e rede de apoio formada não

só por profissionais do hospital, mas também por voluntários.

Além disso, muitos pacientes — em torno de 30% do total — vêm de fora do DF, como o Entorno, de Minas Gerais e até de Rondônia. Depois de receberem alta, os bebês recebem acompanhamento no HMIB até os dois anos de idade. Enzo e Lorena vão do Guará para as consultas enquanto Manoela e Hellena, de Águas Lindas (GO). Quanto mais longe, maiores as dificuldades.

A neonatologista cita, ainda, a importância da rede de apoio familiar. Durante a consulta de rotina de Hellena, Marta David Rocha de Moura lamenta que, na maioria dos casos, cabe somente à mãe o cuidado com o bebê. “Isso aí é a coisa mais rara”, comenta, sobre o fato de o pai ser da garotinha ser presente durante o tratamento.

“Não é fácil ser mãe de prematuro. Gera angústia, medo da perda iminente. A gente diz para elas ‘está tudo bem’, mas o ‘bem’ do prematuro é muito fugaz. Às vezes, ele está bem de manhã e, de tarde, ele complica”, relata a médica. As mães, Manoela e Lorena, concordam e vão além: para elas, a alta médica foi marcada pelo alívio de finalmente irem para casa com os filhos no colo.

A partir de quando os prematuros conseguem sobreviver?

Japão: os bebês sobrevivem a partir da 22ª semana de gravidez

Estados Unidos e Europa: a partir da 24ª semana

Brasil: a partir da 26ª semana



Por que o futebol brasiliense não engrena?

Texto Felipe de Oliveira Moura

Fotos Carlos Augusto Xavier, Theo Lima e Israel Sousa

Diagramação Giullia Vênus e Laís Pinheiro

Foto: Israel Sousa



Capital do país do futebol não tem um clube de destaque no cenário nacional. Os bons momentos protagonizados por Gama e Brasiliense, anos atrás, estão cada vez mais distantes. Clubes sofrem com falta de estrutura, perda precoce de jovens talentos e repetem erros que lembram a era amadora



A capital de um país costuma ser — além do centro político de uma nação —, a sede de grandes clubes do futebol mundial. Basta olhar para Buenos Aires (Boca Juniors e River Plate), Lisboa (Benfica e Sporting), Londres (Arsenal, Tottenham e Chelsea), Madri (Real Madrid), Montevidéu (Penárol e Nacional), Paris (Paris Saint Germain) e Roma (Roma e Lazio).

Ainda que o mais fanático possa questionar a grandeza de alguns times mencionados acima, alegando que dinheiro não torna uma esquadra “grande”, há de se concordar que as capitais dos países, independentemente do continente, abrigam boa parte dos times relevantes a nível nacional e internacional. A exceção vem — talvez por ironia dos deuses do futebol — do país da bola, o Brasil. Sem ter um representante entre os 60 clubes das principais divisões futebolísticas, Brasília foge à regra e o que deve pairar na cabeça de muitos torcedores locais é: por que o futebol brasileiro não engrena?

Para tentar responder a essa pergunta, a Campus Repórter foi atrás de profissionais que trabalharam na cobertura do futebol brasileiro e dirigentes dos principais times candangos. Os problemas que impedem o crescimento do esporte na capital do Brasil são muito parecidos com aqueles de cinco décadas atrás, quando surgiram os primeiros clubes da Capital Federal.

Das construtoras à profissionalização

A fundação dos primeiros times de Brasília tem tudo a ver com o nascimento da nova capital do Brasil, em 1960. Como é sabido, pessoas de diversas regiões do país, principalmente do Nordeste, vieram ao Centro-Oeste em busca de emprego, ajudando na construção da cidade. E foram esses migrantes que deram o pontapé inicial no futebol candango.

Segundo José Natal, jornalista que cobriu e acompanhou o futebol local pelo Correio Braziliense e pela TV Globo durante décadas, ao contrário de outras cidades, em que o futebol teve origem em clubes sociais ou associação de classes, em Brasília, os primeiros times surgiram a partir da construção civil. Tudo começou no “acampamento dos operários” de construtoras, como Rabello, Defelê (Departamento de Força

e Luz, atual CEB), Coenge e Planalto, que deu origem à Vila Planalto, hoje um aglomerado urbano de classe média com localização privilegiada, ao lado da Esplanada dos Ministérios.

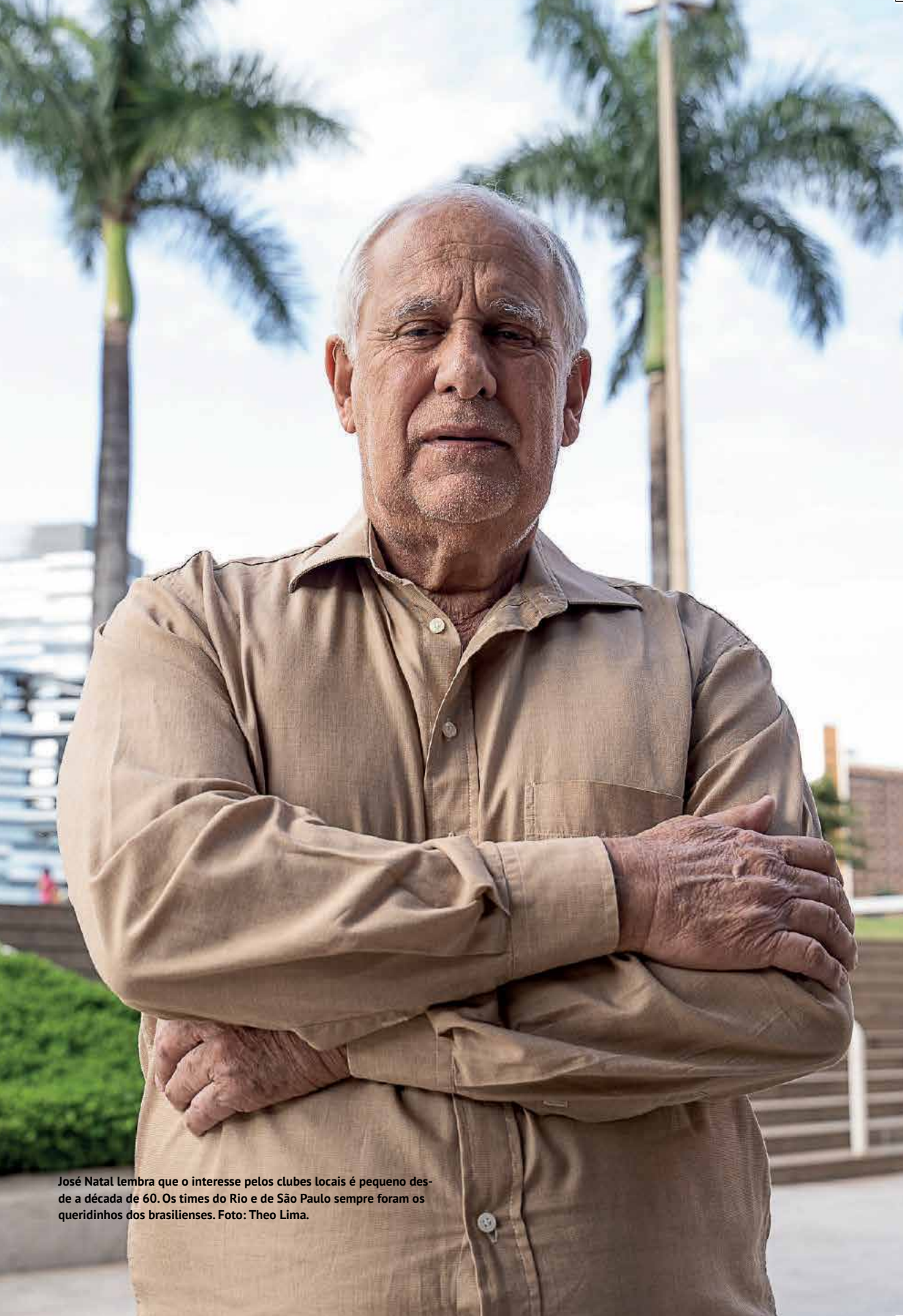
“Por serem muito grandes, os acampamentos tinham espaço até para campo de futebol. No intervalo do almoço ou no fim de semana eles aproveitavam para jogar. Era uma diversão. Só que eles faziam organizadamente, tipo ‘solteiro contra casado’. De repente, a coisa foi tomando corpo. Começaram a fazer competição entre eles, especialmente nos finais de semana, tipo Coenge x Rabello, Rabello x Defelê. A origem do futebol [local] começou dessa forma”, afirma “Zé Natal.

Os primeiros campeonatos eram amadores, e clubes como Taguatinga e Guará também fizeram parte do início do futebol local. Um ano antes da inauguração de Brasília, já existia o primeiro campeão: o Grêmio Esportivo Brasileiro (homônimo do tricolor gaúcho), que representava o Acampamento da Metropolitana, segundo o Almanaque do Futebol Brasileiro.

A tentativa de viabilizar o esporte na capital dava de cara com a estrutura precária e o baixo engajamento do público. “Eles não tinham recursos. Os clubes que eram formados pelas construtoras davam chuteira e camisa com o nome da empresa. Era o que tinha para fazer. O interesse da cidade era muito fraco. Só quem gostava mesmo de futebol assistia”, lembra Zé Natal. Apesar da precariedade, o governo construiu o Pelezão, que abrigava os maiores clássicos locais, a exemplo do que ocorria com o Maracanã, no Rio de Janeiro.

Na intenção de profissionalizar os times, surgiu a Federação Metropolitana de Futebol (FMF), que organizava os jogos entre as equipes e era vinculada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), atual CBF. Somente com as equipes devidamente registradas seria possível disputar o campeonato nacional.

O Ceub, fundado em 1968 inicialmente por alunos universitários, encampado pelo Centro de Ensino do mesmo nome, foi o primeiro time candango a ter projeção nacional. Em 1973 disputou a primeira divisão do futebol brasileiro. Com estrutura financeira



José Natal lembra que o interesse pelos clubes locais é pequeno desde a década de 60. Os times do Rio e de São Paulo sempre foram os queridinhos dos brasileiros. Foto: Theo Lima.



A bilionária estrutura do Mané Garrincha contrasta com a precariedade do futebol local. Resultado: um elefante branco. Foto: Carlos Augusto Xavier

melhor do que os demais, apostou em jogadores veteranos — alguns com passagem pela seleção brasileira — que estavam encostados em outros times dos grandes centros do futebol.

“Contratou muita gente boa para a época. Eram ruins para lá (Rio, São Paulo), mas bons para aqui, porque era outro nível de futebol. Tinha o Rildo, que foi do Botafogo, o Odair, ex-Vasco, Fio Maravilha, que foi do Flamengo. A gente chamava de time de estrangeiros”, afirma Zé Natal.

Durante a curta trajetória (acabou em 1976), o Ceub colecionou alguns momentos marcantes. “Ganhou do Cruzeiro aqui no Pelezão, empatou com o Botafogo e com o Flamengo, o que foi um acontecimento mundial”, brinca Zé Natal. Um dos maiores jogadores de todos os tempos, Mané Garrincha chegou a vestir a camisa do Ceub em um amistoso contra o Cruzeiro. Na era do amadorismo, entre 1959 e 1975, dois clubes se destacaram como os mais vitoriosos: Defelê e Rabello, cada um com quatro títulos.

Era profissional: algumas glórias e muitas semelhanças com o amadorismo

Com o início da era “profissional”, o futebol brasiliense colecionou mais momentos gloriosos do que nos anos 60 e 70, quando o esporte dava os primeiros passos na capital. Times como Gama, Sobradinho e Brasília surgiram após o fim do Ceub e traziam consigo a ideia de representar os bairros aos quais

pertencem. O Brasília teve, na década de 80, a hegemonia do futebol candango, mas não conseguiu dar grandes saltos a nível nacional.

De acordo com Marcos Paulo Lima, subeditor de esportes do Correio Braziliense, até 1986 a capital tinha representantes na primeira divisão, o que mudou com a Copa União de 87. A partir deste campeonato, com a remodelação das competições, apenas 16 clubes fariam parte da elite do futebol nacional, o que excluiu os clubes do DF. Tudo muda quando o Gama conquista o primeiro grande título dos times de Brasília na história — a Série B de 1998 — e recoloca o futebol candango na primeira divisão.

“A conquista do Gama foi uma grande oportunidade para o futebol de Brasília se consolidar. Foi um período, até certo ponto, dourado para o futebol candango. O Gama ganha em 98 e fica quatro anos na Série A. Houve um problema de sustentabilidade. Teve muito investimento, ganhou muito dinheiro com cota de televisão, tinha um time relativamente forte. Chegou a ter Paulo Nunes - tudo bem que em final de carreira -, e Dimba., ex-craques de grandes times. Mas a diretoria pensou só naquele momento, não pensou numa continuidade. Depois que caiu, não esteve mais próximo de subir”, relembra Marcos Paulo.

A virada do milênio foi marcada pela ascensão meteórica do Brasiliense. O Jacaré nasceu em 2000 e, com menos de dois anos, chegou à final da Copa do Brasil. Em dois jogos que foram marcados por

polêmicas da arbitragem, o Corinthians se sagrou campeão, mas o clube candango demonstrou que o futebol local poderia alçar grandes voos no cenário brasileiro. Três anos depois, chegou à Série A, após a conquista da Série B, mas não se sustentou na primeira divisão. Para Marcos Paulo, as quedas de Gama e Brasiense têm erros semelhantes na composição do elenco: apostar em atletas consagrados no futebol nacional, mas em fim de carreira. “Apostou muito em jogadores veteranos, sem comprometimento e acabou que o time caiu para segunda divisão”, refere-se à história do Brasiense.

Além de contratar jogadores sem tanta ambição na carreira, os clubes locais não chegam sequer a ter em suas categorias de base os talentos que os campos de futebol brasiense produzem. Grandes jogadores como Kaká (melhor do mundo em 2008) e Lúcio (ex-capitão da seleção brasileira) saem muito cedo para tentar a sorte nos grandes times. A falta de estrutura e o pouco investimento nas categorias de base impedem que os jovens atletas permaneçam no DF, ao menos até a profissionalização.

As consequências são elencos experientes, mas com pouco fôlego para aguentar a maratona de jogos em um país de dimensão continental, como o Brasil. “O Brasiense corre o risco de não subir de novo (da Série D para a C). Fiz um levantamento dos oito times nos últimos dois anos que subiram da Série D para a C. A média de idade de todos era abaixo de 30 anos e o Brasiense começou o ano com quase 31 anos de média e vai subindo, porque vão contratando jogadores mais velhos, de 32, 33. Os caras do Brasiense estavam montando o elenco sem conhecer o que era o Campeonato Brasileiro da Série D”, aponta Marcos Paulo.

À exceção do Brasiense, que conta com o investimento maciço do empresário e dono do clube, o ex-senador Luiz Estevão, os demais times candangos sofrem para conseguir recursos. Mesmo o Gama, maior campeão do DF com 12 títulos e uma torcida assídua, tem dificuldade para pagar as contas. “O Gama chegou à primeira divisão e a cidade ficou altamente reconhecida. Mesmo assim, tem que vender o almoço para pagar a janta. Quando é campeão, as despesas aumentam muito. O Gama foi campeão [brasiense, em 2019] invicto, mas ainda deve premiação aos jogadores. Mesmo com time de tradição, não é fácil, estamos retomando uma marca”, lamenta o presidente do clube, Weber Magalhães.

Como se não bastasse o perrengue financeiro, os clubes sofrem com o regulamento do próprio campeonato local. Afinal, quem ganha o campeonato

candango tem o direito de disputar a Série D (última divisão do futebol brasileiro), mas somente no ano seguinte. Ou seja, o atual campeão Gama só vai competir na quarta divisão em 2020, provavelmente com o elenco modificado, sem o mesmo entrosamento do time e empolgação com a conquista local.

Além dos problemas nas quatro linhas, o descuido com a imagem dos clubes é prova dos resquícios de amadorismo que existem, mesmo que nos pequenos detalhes. No dia 18 de junho de 2019, ainda era possível ler no menu, que conta a história do Gama em sua página oficial na web, que o time tem 11 títulos brasienses. O último assinalado é de 2015. No entanto, em março de 2019, o clube sagrou-se campeão local em cima do Brasiense, conquistando o 12º título. Mais de três meses após a conquista, nem sequer o site oficial do clube apresenta o dado atualizado.

Uma novela: a briga dos clubes com a TV

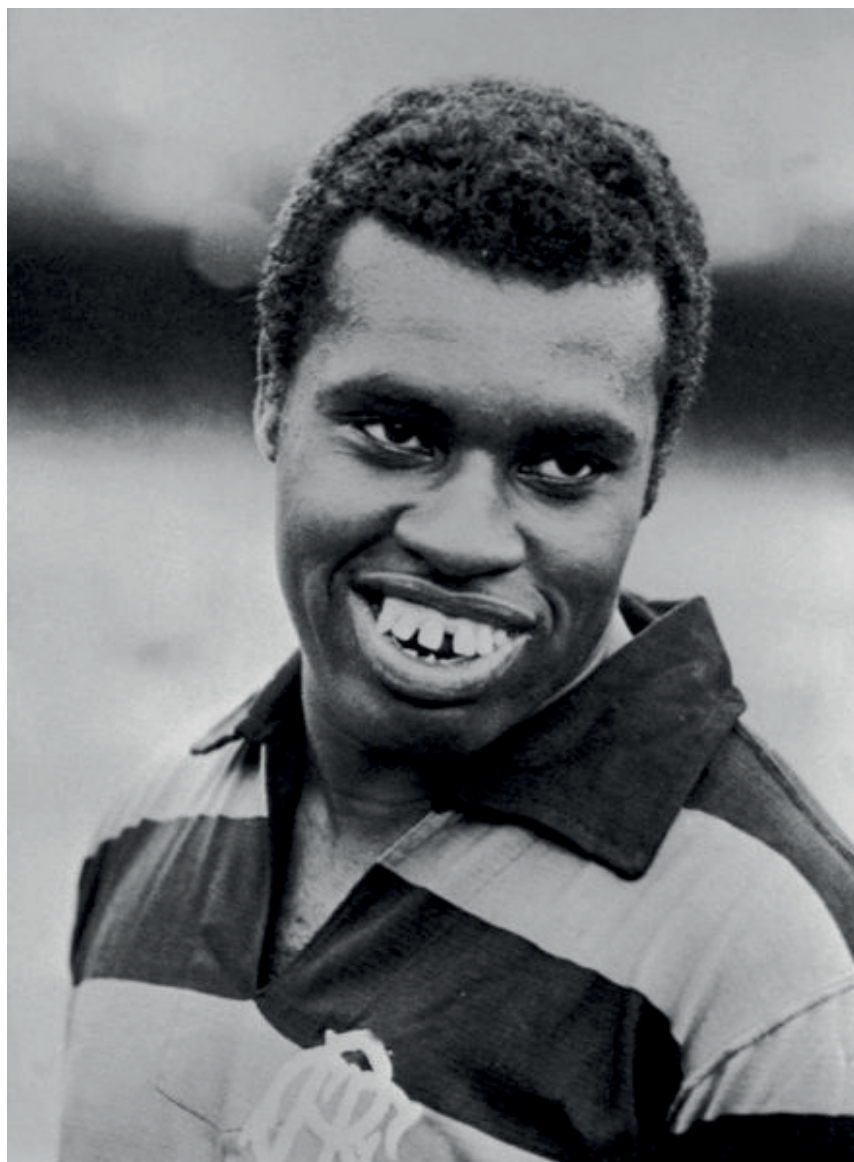
A relação dos clubes de Brasília e da federação com a TV ainda é conflituosa. De um lado, alega-se que falta apoio midiático ao futebol jogado aqui; do outro, o negócio, que se sustenta pela audiência — o que

“Mesmo com time de tradição, não é fácil, estamos retomando uma marca”

Weber Magalhães

ocorre apenas com jogos dos grandes times do país. O descontentamento com a cobertura do futebol local vem desde a época em que o campeonato aqui era amador, afirma José Natal. Segundo ele, a Globo optava pela transmissão dos jogos dos times de outros estados no mesmo horário em que os times de Brasília jogavam, o que “afastava o torcedor do estádio”.

— Essa briga da Federação de Futebol local com a Globo durou muitos anos. A federação querendo tirar o futebol de domingo, às quatro da tarde, para ver se a torcida ia ao estádio. Teve data que a gente programava o jogo para domingo, fazia a chamada, a FMF entrava na justiça e impedia a Globo de mostrar o jogo de outra cidade. Foi quando os dirigentes e a federação achavam que o futebol estava dando público. Faziam o melhor possível, mas era uma luta inglória. O torcedor ia para o jogo e levava a TV



O folclórico ex-atacante do Flamengo, Fio Maravilha, disputou o Campeonato Brasileiro de 1975 pelo Ceub. Foto: José Ricardo Caldas/Almanaque do Futebol Brasileiro

para ver o jogo do Rio. Não perdia o futebol da televisão de jeito nenhum. A comunidade ia para casa para ver o jogo. Um futebol que já não tinha torcida, aí que não vingava mesmo — conta o jornalista.

Luizinho Mendonça, que foi editor-chefe e apresentador do Globoesporte em Brasília, afirma que são muitos os fatores que tornam a ida ao estádio no DF pouca atrativa. Além da pouca estrutura e da sensação de insegurança, ele cita a concorrência da TV. “Nós tínhamos os jogos, ao vivo pela TV, tanto do Rio, como de São Paulo. Sábado era Pacaembu ou Morumbi. Domingo era o Maracanã. Quem é que ia sair de casa com TV e cerveja gelada para ir ao Pelezão

“O futebol candango deveria esquecer essa história de fazer parceria com TV aberta, fechada e passar a investir nos streamings”

Marcos Paulo

ou para o Mané Garrincha? O que a gente está vendo no futebol nacional hoje: estádio sem público e jogo na televisão. Pode voltar 45 anos, é o que aconteceu

com o futebol de Brasília”, opina.

Para Weber Magalhães, o caminho para melhorar a relação dos clubes com a TV é aumentar a profissionalização do futebol brasileiro, buscar horários alternativos para os jogos e investir no produto local para atrair o torcedor. “O Gama é diferenciado, a torcida é apaixonada, para esperar mais tem que conseguir resultado, atrair a TV para o nosso lado. Não entrar em briga, mas em discussão sadia”, aponta. Já Marcos Paulo, indica um caminho mais ousado.

“O futebol candango deveria esquecer essa história de fazer parceria com TV aberta, fechada e passar a investir nos streamings. Ou o clube transmite — o Brasiliense faz isso — ou a federação contrata profissionais para transmitir os jogos. A saída para dar visibilidade é essa e quem gostar vai assistir. Esperar visibilidade em TV aberta é muito difícil. Um campeonato deficitário como o candango tem que ser criativo. No início teria que fazer gratuito, é um investimento”, aconselha.

E o futuro? Ainda dá?

Embora o cenário não seja animador, Luizinho Mendonça acredita no potencial do futebol da capital, que tem quase três milhões de potenciais torcedores, ainda que com atenção dividida com os grandes clubes do resto do país. “Acho que um dia Brasília vai ser - já é - um celeiro de jogadores. O Augustinho Lima sonhava que um dia fosse virar um centro legal de futebol, sem querer comparar com Rio, São Paulo, Minas. Um dia vai acontecer. O potencial é bom, a cidade é muito grande, mas tem que ter estádio, dinheiro e investimento na preparação do atleta”, indica.

A esperança está na torcida brasileiro, que costuma abraçar o esporte local, vide exemplos como o do Universo/Uniceub BRB Brasília, time que dominou as primeiras edições do Novo Basquete Brasil (NBB). Seja no ginásio da Asceb ou no grande Nilson Nelson, a torcida enchia o espaço. Do próprio futebol vem a inspiração de que, com projetos bem feitos, os torcedores comparecem e abraçam o time. O exemplo

mais recente vem da final da Copa Verde, em 2014. O Brasília levou 30 mil torcedores ao Mané Garrincha, público digno de grandes decisões.

Além do apoio da torcida, Marcos Paulo defende que o governo do DF incentive o futebol brasileiro, assim como algumas prefeituras fazem em outros estados. Clubes como São Caetano, Santo André e Paulista de Jundiaí tiveram sucesso nacional na primeira década dos anos 2000, graças a essa relação dos times com as cidades. No entanto, vêm de Santa Catarina os melhores exemplos nos últimos anos. Em 2014, o estado conseguiu colocar quatro times na primeira divisão do Brasileirão, mais do que o tradicional futebol carioca. “Sempre faço um paralelo com o futebol de Santa Catarina. Se você pegar o que era, pesquisar lá atrás, chegaram a ter quatro clubes na primeira divisão. Santa Catarina até um tempo atrás era terra de surfista, do tenista Guga. Agora não só, eles tem futebol. Por que os nossos dirigentes não vão para Santa Catarina aprender com esse exemplo? Há uma política por trás disso”, aconselha.

O presidente do Gama acha que não seria o caso de fazer um “intercâmbio” com os dirigentes catarinenses”, mas de as empresas investirem no esporte. “O que falta é as empresas acreditarem como acreditam lá, porque o futebol dá retorno e dá mídia”, defende.

Independentemente das dificuldades financeiras, da falta de incentivo e de bons resultados, há um consenso: Gama e Brasiliense podem sonhar com voos mais altos. O primeiro pela tradição e identificação com o torcedor da cidade e o segundo pelo investimento que recebe. “O Brasiliense poderia estar, no mínimo, na Série B, pelo tamanho do investimento que tem. Tem orçamento para isso. O Luiz Estevão não tem problema para gastar, mas ele tem que ter pessoas certas ali que façam com que o time comece a subir. E tem o Gama, que é o time mais popular da cidade, que tem torcida”, finaliza Marcos Paulo.

*A reportagem contactou a assessoria do Brasiliense para entrevistar a dirigente do clube, Luiza Estevão. No entanto, apesar da insistência, não fomos atendidos.

Esse projeto fundador multiplica-se em vários outros, em contato com a realidade. E desdobra-se neste ensaio fotográfico aqui apresentado.

A Universidade-Cidade está ocupada. É um lugar praticado. Nada remete à ideia de maquete, tantas vezes associada a Brasília. Tudo indica ocupação. Vida. Uma imagem em outra. Muitas vidas em outras. Entre elas, as sombras e luzes do ICC, o Instituto Central de Ciências, o famoso Minhocão, e seus jardins, paredes, portas, letreiros, cadeiras, bancos, entrelaçando lugares de ficar e lugares de passagem.

A Universidade revela-se em pequenos fragmentos de sua cotidianidade. O conjunto das imagens selecionadas é o resultado de uma vivência do fotógrafo no seu dia a dia. Não apresenta acontecimentos excepcionais, ao contrário, revela memórias em movimento. “Nunca nos banhamos no mesmo rio”, já dizia Heráclito. E nunca atravessamos o mesmo espaço. Assim, os caminhos da Universidade são sempre novos: livres, abertos, únicos, generosos para quem puder e desejar vivenciá-los. Assim seja!



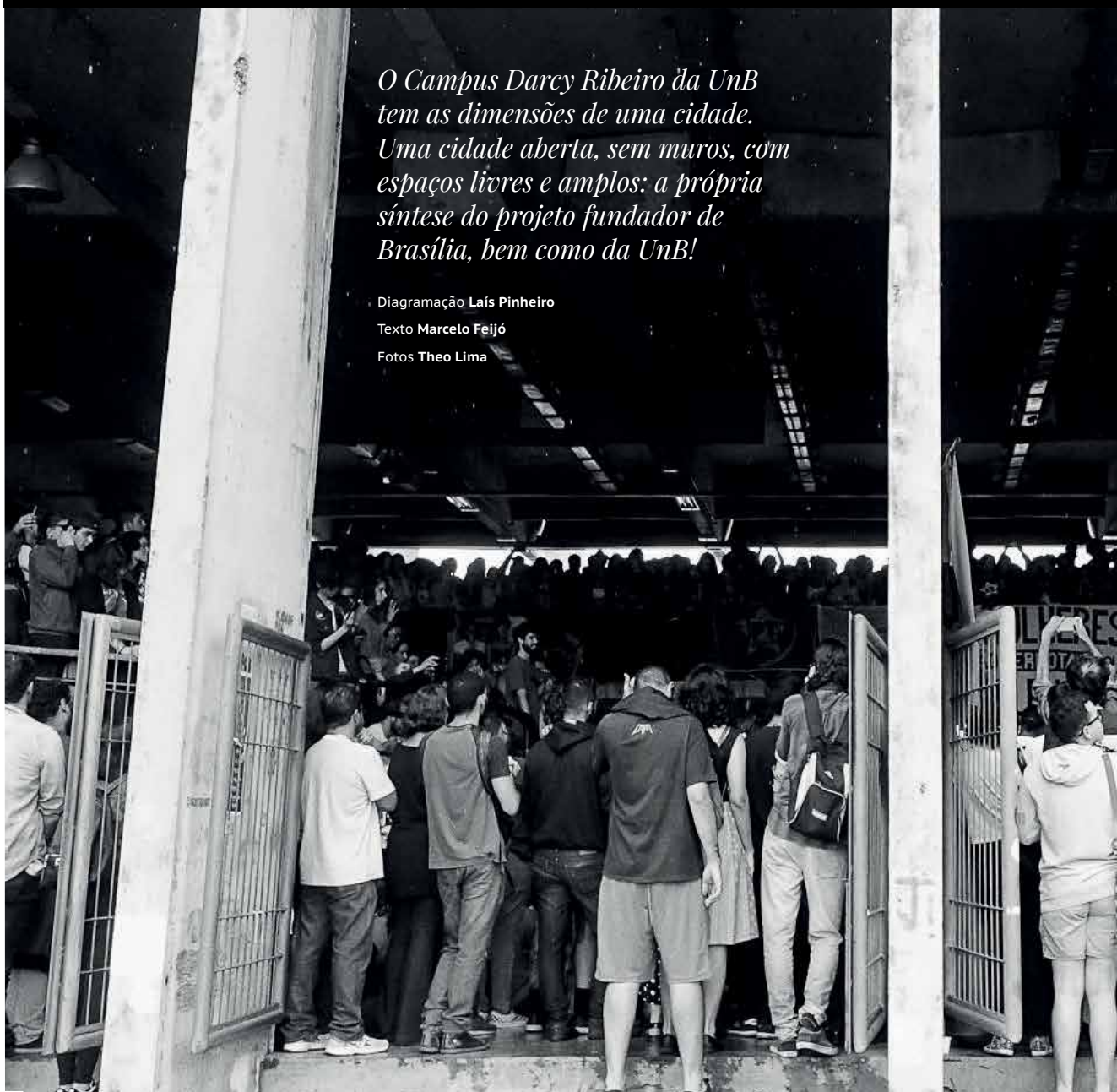
Universidade-Cidade

*O Campus Darcy Ribeiro da UnB
tem as dimensões de uma cidade.
Uma cidade aberta, sem muros, com
espaços livres e amplos: a própria
síntese do projeto fundador de
Brasília, bem como da UnB!*

Diagramação Lais Pinheiro

Texto Marcelo Feijó

Fotos Theo Lima











Poesias

Obras de dois estudantes da Faculdade de Comunicação

Amanda Nobre

Quinto semestre de Comunicação Organizacional. Sempre gostou muito de escrever. E encontrou na poesia um espaço de cura e terapia.

talvez eu seja louca

me chamam de louca
sem saber que na verdade
essa só é minha alma poeta.
não tenho problema em abraçar
a tristeza, e também não acho
errado expor isso para o mundo.
somos tristes. somos vazios
a positividade nos impede de aproveitar
a melancolia, mas não tem nada de errado em ser quebrado.
todos somos, porque sofremos.
somos apenas um bando de imperfeitos
tentando achar a formula perfeita pra
felicidade eterna, sem saber que, de fato
o mundo é daqueles que enxergam a beleza da própria dor.

tela em branco

às vezes eu queria apagar
todas as memórias da minha mente.
e me tornar novamente uma tela
em branco para possibilidades.
hoje, me sinto apenas uma pessoa
predestinada a sofrer com as coisas
que já não posso mudar.
me vejo perdida em meio a sentimentos
e lembranças que não vão mais voltar.
eu queria ter uma nova oportunidade
de tentar de novo.
quem sabe tudo seria diferente.
talvez eu não fosse só mais uma jovem
adolescente sofrendo em mais uma madrugada.
eu poderia ter sido alguém.
agora eu só não quero mais ser.

NOVOS VÍCIOS, VELHOS HÁBITOS

eu fumo por todos
os motivos errados.

eu acendo o beck
querendo apagar
minha alma.

pensamentos
misturados,
desconexos
que já não
são os meus.

a confusão
que se confunde
com a fumaça
e me faz esquecer
por um tempo
dos problemas
que não sei como
resolver.

eu fumo pra esquecer
de mim e lembrar de
tudo aquilo que não
importa.

eu fumo pra ser uma nova
versão de mim mesma, que
não tem tanto peso para
carregar.

talvez, então, eu fume
pelos motivos certos.

mas, quem sou eu
sem as minhas muletas?
chapada, drogada, dopada
nada.

INTENSIDADE

eu escondi tudo
que eu sentia
porque não tinha
mais sentido
sentir tudo
sozinha.

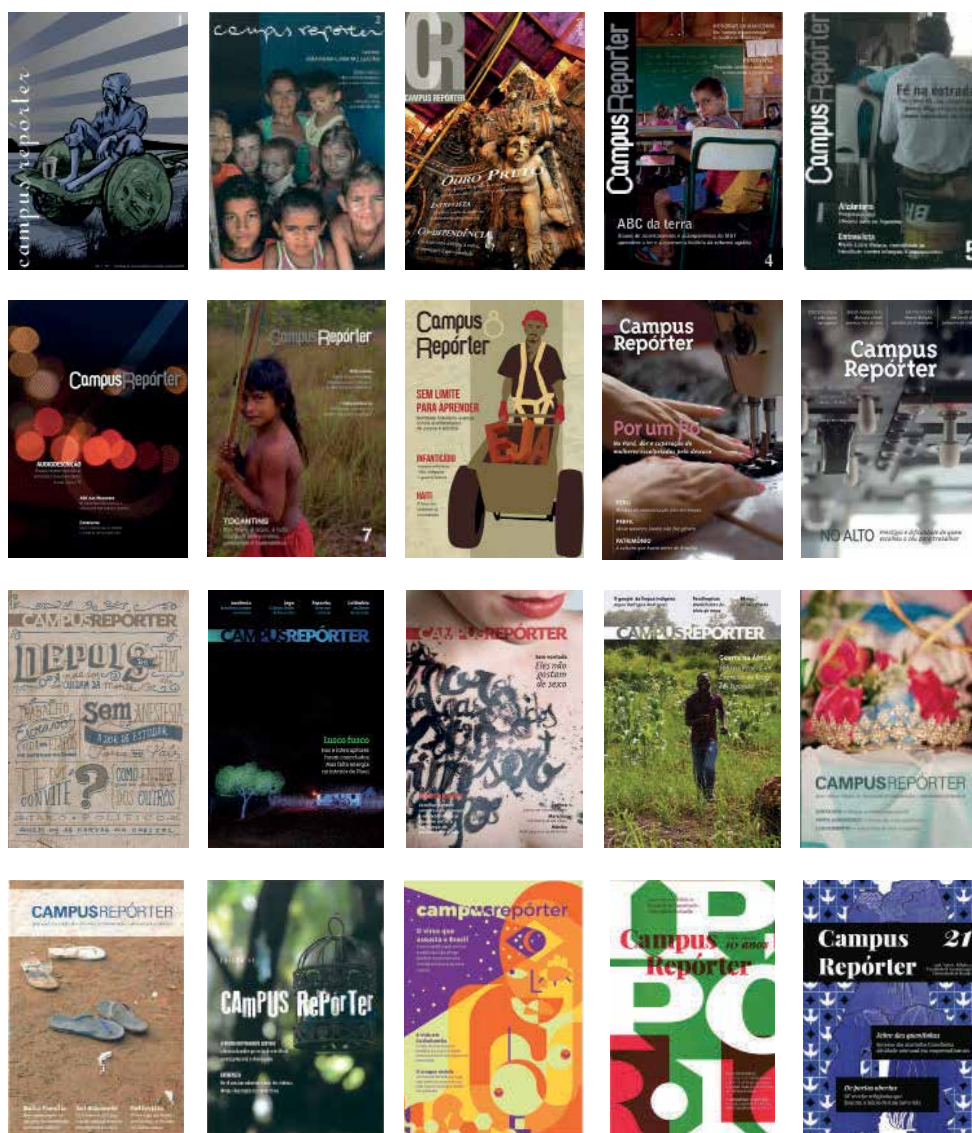
Daniel Marques

*Oitavo semestre de Jornalismo da
UnB. Autor de versinhos de amor nos
ônibus da vida.*

E que todos os beijos, minha pequena
Que venham visitar nossos lábios
Interromper nosso olhar, nossa cena
Sejam do nosso amor, indícios
Sejam do querer, arena
Faíscas, de incêndios, princípios
De alegria celeste e terrena

E todo beijo, minha morena
Que nos une em corpo e coração
É tocha que carrega beleza
Nos entrega ao sonho
Chama a leveza
E ao coração reclama
A sagrada chama
Que remete e lembra,
Porque ainda é a mesma,
O calor do primeiro beijo
(Que ainda vive em todos os demais)

Entre tantos conceitos
No turbilhão da correnteza
O fogo em nossos peitos
Que se chama Certeza
Queima o dicionário
Resume o vocabulário
A “Beijo”



Campus Repórter

É uma publicação semestral do Departamento de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, voltada para a prática da reportagem. Seu objetivo principal é oferecer aos alunos a oportunidade de aperfeiçoar conhecimentos adquiridos durante a vida acadêmica.

A revista destina-se a alunos dos semestres mais avançados do curso de Jornalismo, mas também de Audiovisual, Publicidade e

Propaganda, Comunicação Organizacional e outros cursos da UnB, que tenham interesse na produção de reportagem, fotografia, edição, diagramação, editoração e artes gráficas.

Desde a sua criação, em 2007, a Campus Repórter é produzida em suas várias etapas por alunos, sob a orientação de professores da Faculdade de Comunicação.

Revista Campus Repórter

Ano 12, Nº 22 | Julho de 2019

Impressão Gráfica Coronário

Tiragem 2.000



Faculdade de Comunicação

Diretor

Fernando Oliveira Paulino

Vice-Diretora

Liziane Soares Guazina

Chefe do Departamento de Jornalismo

Dione Oliveira Moura

Chefe do Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Denise Moraes

Chefe do Departamento de Comunicação Organizacional

Janara Kalline Leal Lopes de Sousa

Coordenador dos Cursos de Jornalismo, Publicidade e Audiovisual

Sérgio Ribeiro de Aguiar Santos

Coordenadora do Curso de Comunicação Organizacional

Elen Cristina Geraldês

Coordenador de Pós-Graduação

João José Azevedo Curvello

Coordenadora de Extensão

Rose May Carneiro

Coordenadora de Laboratórios

Priscila Monteiro Borges

Coordenadora de Projetos Finais

Suelen Brandes Marques Valente

Endereço

Faculdade de Comunicação,
Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte
CEP: 70 910-900 Brasília-DF

Tel: (61) 3107 6527

E-mail : fac@unb.br

<http://www.fac.unb.br>

